

Delírio coletivo.

Os gaúchos vão de Brizola até no segundo turno.

Vai dar Brizola no segundo turno. É isso que se conclui depois de examinar as intenções de voto em um dos mais fortes redutos brizolistas do Rio Grande do Sul. É o conjunto de vilas onde se agrupa a população de baixa renda do bairro Partenon, zona sudeste de Porto Alegre. Ali, 81,9% dos votos do primeiro turno tiveram um só destinatário: Leonel Brizola. E, se a segunda rodada fosse hoje, a maioria dos eleitores simplesmente reprisaria sua escolha. Assim, no dia 17 de dezembro, a 159ª zona eleitoral, com 181 seções, pode "eleger" um candidato inexistente. "Do Lula eu não gosto, no Collor não dá nem para pensar. Então, vou sapecar o nome do tio Briza de novo. Não quero nem saber", proclama Ernani Almeida, uma das lideranças locais e diretor da Academia de Samba Puro, na Vila Maria Conceição.

É o tipo de voto mais comum nos morros do Partenon, onde se distribuem lugares com nomes como Volta da Cobra, Campo da Tuca e Morro da Cruz. Ou ainda Vila Vargas, revelando a profissão de fê trabalhista. Lá estão 81.987 eleitores que, até agora, desconhecem outra razão para votar além do candidato do PDT, uma fascinação acima dos partidos — no ano passado, o PT obteve cerca de 30% dos votos na mesma área. Mas o candidato pedetista não era Brizola e tampouco os entusiasmava. O próprio Olívio Dutra, eleito prefeito em 1988 pelo PT, já lembrou que ouviu muitas vezes seus eleitores repetirem: "Desta vez eu vou contigo, mas em 1989 vou de Brizola".

Marco Batista, 19 anos, Almir Rodrigues, 26, e Ivan Martins, 22, concordam com

Almeida: todos prometem esquecer o nome de Brizola na cédula onde só há os de Lula e Collor. É o mesmo que pensam as domésticas Ivone Chaves, 38, e Rosemari Machado, 32. "Lula não tem estudo e Collor é marajá", explicam sucintamente. Valmor Roia, 41, dono de um comércio misto de armário e açougue no Morro da Cruz, é peremptório: "Ou Brizola ou nenhum". Com a cabeça mais fria, Lúcio Rodrigues, 48 anos, pedreiro, acha que é preciso "dar um tempo". Para ele, "o pessoal ainda está atirado no chão".

Estes morros, onde os motoristas de táxi receiam subir, o esgoto corre a céu aberto e, em cada ruela, o aroma forte da maconha queimada impregna o ar — são os maiores pontos de venda de drogas da cidade — sediaram uma campanha sem comitês, brizolistas ou não, centrada no esforço dos muitos cabos eleitorais. "Aqui não precisa disso. Tudo é Brizola", conta Juvêncio Correa, 58 anos, comerciante no Morro da Cruz e firme na sua intenção de, novamente, escolher Brizola. O mesmo pensam seus amigos Getúlio Rodrigues, aposentado, 50 anos, e Sílvio Pacheco, 57. Rodrigues ainda hesita, pensando em votar no PT, "desde que o Briza seja vice do Lula". Existe ainda um outro tipo de eleitor. O motorista José Albino Filho, 38 anos, exemplifica esta posição: "Eu vou para onde o Brizola disser. Por enquanto estou balançando". O vigia Zeferino Oliveira, ferrenho pedetista de 56 anos, adota uma solução pragmática: "Vou escolher aquele que for comigo num cartório e assinar que irá me dar um bom emprego".

Airton Centeno